

TRADIÇÃO E ORALIDADE: CONTOS, HISTÓRIAS E LENDAS NA COMUNIDADE RURAL DE MORRO VERMELHO

Paulo Roberto da Silva Júnior – Universidade Federal de Minas Gerais

Miguel Mahfoud – Universidade Federal de Minas Gerais

Karina Braga Miziara - Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

A solicitação de um grupo de moradores da comunidade tradicional de Morro Vermelho, para que fossem ajudados na organização textual da literatura oral compartilhada pelo grupo foi o ponto de partida desta pesquisa. Narrando o acervo da tradição oral compartilhado, eles também falavam da experiência de valorização e da importância de se conservar essa tradição oral. No percurso de organização do acervo oral do grupo buscou-se apreender a elaboração e transmissão da experiência individual e coletiva, diante da narração de histórias, lendas e casos tradicionais pelos moradores da comunidade. As entrevistas foram realizadas em momentos de celebrações religiosas da comunidade, nos quais a experiência dos moradores tornam-se mais acessíveis. Foram entrevistados aqueles conhecidos como grandes conhecedores da literatura oral da comunidade, e utilizou-se o método fenomenológico para a análise dessas experiências. Os resultados apontam a preocupação dos moradores em guardar esta literatura oral de forma textualizada, uma vez que ela encontra-se espalhada na memória dos moradores de Morro Vermelho. Ao resgatar este acervo oral e guardá-lo textualmente, eles pretendem, também, valorizar a memória dos antepassados, e guardá-la para as gerações futuras. Para contar a sua história de vida, cada morador se remete à memória coletiva compartilhada pela comunidade. Vê-se, portanto, uma interseção entre história pessoal e comunitária, apoiadas o fortemente no passado. Concluiu-se que este acervo oral acumulado em trezentos anos de história é constantemente reelaborado pelos moradores, permitindo a cada um deles construir a sua própria história, que é também coletiva, e que pretendem preservar para as novas gerações.

Palavras chaves: literatura oral, fenomenologia social e memória coletiva

Abstract

The request of a group of inhabitants of the traditional community of Morro Vermelho, in order to be helped in the textual organization of the verbal literature shared by the group, was the starting point of this research. Telling the patrimony of the shared verbal tradition, they also spoke of the experience of valuation and the importance of conserving this verbal tradition. During the organization of the group's verbal patrimony one tried to apprehend the elaboration and transmission of the individual and collective experience, considering the narration of histories, legends and traditional cases by the inhabitants of the community. The interviews had been carried through moments of religious celebrations of the community, in which the experience of the inhabitants become accessible. Those known as great experts of the community verbal literature had been interviewed, and the phenomenological method was used for the analysis of these experiences. The results point to the concern of the inhabitants in keeping this verbal literature in a written form, once it is spread in the memory of the Morro Vermelho inhabitants. By rescuing this verbal patrimony and recording it, they also intend to value the memory of their ancestors and keep it for the future generations. Therefore, it is clear that there is an intersection between personal and communitarian history, strongly supported by the past. One concluded that this accumulated verbal patrimony, in three hundred years of history, is constantly reelaborated

by the inhabitants, allowing each of them to construct his own history, that is also collective, and that they intend to preserve for the new generations.

INTRODUÇÃO

Conhecer, aprender, guardar, recordar, revitalizar e fazer memória. São estas experiências individuais e coletivas que este trabalho vem comunicar. A solicitação para chegar mais perto destas experiências partiu de um grupo de moradores da comunidade tradicional de Morro Vermelho, que fica próxima à cidade de Belo Horizonte. O acervo da tradição oral acumulado em 300 anos história é para eles motivo de orgulho e de preocupação com a sua conservação. Dessa preocupação, nasceu o trabalho de conhecer, registrar e organizar textualmente este acervo oral da comunidade. Em meio à comunicação deste acervo emergiu dos depoimentos a nossa pergunta: por que é tão importante para eles guardarem esta tradição oral?; além das histórias, o que mais eles pretendem guardar? Para a coleta deste acervo, foram realizadas entrevistas individuais e em grupo, com moradores da comunidade. Os trechos escolhidos para análise são aqueles em que é ressaltada a importância de se guardar essa história oral da comunidade. Seguindo o método fenomenológico para análise dos depoimentos partimos para responder às perguntas surgidas, conscientes que ao chegar mais perto da elaboração da experiência de cada um deles será possível pensar em significados que nos falem de suas relações com o passado e com o presente.

REFERENCIAL TEÓRICO

Adentrando os depoimentos encontramos algumas respostas no estudo da cultura com Ales Bello e Ecléa Bosi; na discussão sobre oralidade com Walter Ong, Câmara Cascudo e Walter Benjamin; e sobre a importância do trabalho da memória com Maurice Halbwachs e Ecléa Bosi.

Cultura

Ales Bello (1998), reconhece como cultura tudo aquilo que na vida cotidiana do ser humano é modificado por uma ação particular. Ela ressalta a união entre a cultura e a vida humana,

O conceito de cultura, na verdade, conecta-se com a vida humana na sua totalidade, tanto individual como também comunitária, em cujo interior se desenvolve o que é individual. Portanto, a atividade prática do ser humano procede através de cada ação particular(p.40-41).

Nesse sentido, é possível pensar nessa atividade prática do ser humano como um ato criativo do indivíduo no relacionamento com o seu contexto intersubjetivo. Este, segundo Ales Bello, não é formado apenas das coisas físicas e materiais presentes na realidade, mas também de todo o conjunto de experiências que fazem parte dela, e que são compartilhadas pelo grupo social. Este mundo compartilhado é denominado por “mundo-da-vida”, conceito desenvolvido por Edmund Husserl e compartilhado pela fenomenologia. Trata-se, portanto, de uma atividade prática que possibilita produzir cultura. Uma ação que é individual e coletiva ao mesmo tempo, uma dimensão possibilitando a outra. É no nível dessa coletividade que se constrói um mundo de valores a ser compartilhado por todos.

Mas de qual tipo cultura especificamente estamos falando? Bosi (1981) nos revela que a distinção entre dois tipos de cultura, popular e erudita, somente ocorreu após o advento da Revolução Industrial. O nosso interesse recai sobre o que Bosi reconhece como cultura popular, espaço aberto para a criatividade humana, para a troca de experiências com outros indivíduos, onde prevalece os valores e crenças individuais e coletivas, onde, segundo a autora, “o novo e

arcaico se entrelaçam”(p.65). E esta relação entre o novo e o antigo é própria da tradição, onde sempre existe uma tensão, um voltar-se para o passado pensando no futuro e um pensar no futuro levando-se em conta o passado, a partir de preocupações do presente.

É nessa dinâmica que algumas comunidades ainda hoje persistem, valorizando a criatividade, reelaborando o passado pra criar o futuro, vivendo no presente a preocupação de guardar um conjunto de informações compartilhadas por todo o grupo.

Tradição oral

A oralidade foi por muito tempo a forma predominante de transmissão de conhecimento em diversas sociedades na história humana, como afirma Ong (1998). Segundo ele, “o estudo científico e literário da linguagem e da literatura, durante séculos e até épocas muito recentes, rejeitou a oralidade”(p.16). No entanto, não há como negar a importância da “oralidade primária”, definida por ele como “a oralidade de uma cultura totalmente desprovida de qualquer conhecimento da escrita ou da impressão”(p.19). Ainda hoje subsiste em algumas sociedades uma forma de comunicação baseada na oralidade primária, que permite ao grupo conhecer as coisas do mundo através da narração de histórias e da transmissão de aspectos culturais, a colocá-los em prática e a combiná-los com outras formas de comunicação.

Nesse mesmo sentido, Camara Cascudo (1984) fala-nos a respeito da “literatura oral” presente na história das sociedades, para falar de uma ordem de conhecimento “não-oficial – tradicional, oral, anônimo, independentemente de ensino sistemático” (p.31). Na história brasileira, de acordo com Camara Cascudo, a literatura oral é formada por contribuições dos diferentes grupos étnicos que formaram a cultura brasileira: os índios, os negros e os portugueses. Esta cultura criada sob mediação de três povos criou formas diversas de manifestação da sua tradição.

No espaço onde prevalece um certo tipo de cultura popular, em que a transmissão de conhecimento se dá pela literatura oral, a figura do “narrador” é de fundamental importância. Ele é quem conta as experiências que passam de pessoa para pessoa, é quem dá direito ao ouvinte interpretar a história ao seu modo, é quem guarda a tradição em sua memória.

No entanto, para Benjamin (1994), a experiência de narração de histórias está em vias de extinção, assim como, a figura do narrador. Segundo ele, “a arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade - está em extinção”(p. 200-201). Esse abandono da arte de narrar em determinados grupos leva ao fim uma característica importante do narrador: o aconselhar. O narrador é aquele que através de suas histórias sabe dar conselhos, porque conhece suas tradições ou já viajou bastante, já trocou muitas experiências. Na cultura popular esta característica do narrador ainda é preservada, ele é quem aconselha, dá notícias de um outro tempo e partilha a sua sabedoria com os outros. De acordo com o autor, dois fatores contribuíram para esta possível morte da narrativa: a criação do romance e a sua difusão pela imprensa, e a informação como nova forma de comunicação; criando formas individualistas e efêmeras de comunicação.

No entanto, por volta dos anos setenta, surge na Europa um movimento de retomada da narração e dos contadores de história, como analisam Gislayne Matos (2003) e Karina Miziara (2005). Vemos, assim, o ressurgir de um tipo de experiência que nunca se fez completamente ausente, mas que não foi devidamente valorizada em determinadas sociedades.

Memória coletiva

Nossa discussão sobre memória coletiva vai seguir as indicações de Halbwachs (1990; cf. Araújo e Mahfoud, 2002; Bosi, 1983; Mahfoud, 2003; Schmidt e Mahfoud, 1993). De acordo com o autor, o trabalho de memória operado pelo sujeito sempre se dá de forma coletiva, inserido em algum grupo social, que o permite dar vitalidade às lembranças, formadas pela articulação de imagens.

Para Halbwachs (1990) o trabalho de memória é sempre coletivo. De acordo com ele, “cada um de nós, com efeito, é membro ao mesmo tempo de vários grupos, maiores ou menores”(p.78). Este grupo pode não estar mais presente, mas vai restar dele a possibilidade de

se entrar em contato com a os pensamentos e experiências que ele partilhava entre si. Existe, portanto, um laço afetivo que liga este o indivíduo a este grupo.

Para Halbwachs, reconhecimento e reconstrução fazem parte do trabalho da memória, permitindo a atualização dos quadros sociais, nos quais as lembranças permanecem e articulam-se entre si. A memória é trabalho de reconhecimento no sentido que nos remete ao “sentimento do já visto”, como algo que não é inteiramente novo na experiência do sujeito. É trabalho de reconstrução pois não repete o que foi evocado do passado, mas sim re-significando no quadro social atual aquilo que foi colhido do passado.

A ligação entre memória coletiva e o ato de narrar encontra-se no fato de que, ao narrar o sujeito fala da sua experiência e também da experiência de vários outros que estão presentes no seu quadro de referência. A narrativa, portanto, também é coletiva; conforme assinalam Schmidt e Mahfoud (1993): “A observação do caráter plural da narrativa abre a possibilidade de escutar um depoimento pessoal como orquestração de vozes coletivas, posta em cena pelo narrador”(p.295).

METODOLOGIA

Sujeitos e Campo de Pesquisa

O nosso campo de pesquisa tem um nome: Morro Vermelho, uma tradicional comunidade rural localizada a 80 quilômetros da cidade de Belo Horizonte. Lá vivem cerca de 800 moradores que se organizam entorno de um centro organizador da vida cotidiana: a conservação da tradição e a religiosidade. Esta, se expressa através da devoção à padroeira da comunidade: Nossa Senhora de Nazaré.

Um momento importante para os moradores merece dedicação e atenção: é o tempo da quaresma. De acordo com Miguel Mahfoud (1999), “na quaresma, tudo – realidade física, natural e social – é visto como mistério”(p.59). Este é um tempo de estar atento, atentos à própria experiência, à própria religiosidade, às tradições dos antepassados e aos conselhos dos mais velhos. É tempo de lembrar os casos, lendas e histórias acontecidas na quaresma, e também em outros períodos no ano.

Foi através de um relacionamento verdadeiro de atenção e curiosidade pelos fatos narrados por um grupo de moradores que surgiu o pedido deles: por quê não juntar este acervo da tradição oral – formado por casos, lendas e histórias- como forma de cuidar e preservar a história dos antepassados? Por quê eles pedem para tornar texto uma tradição oral? O que eles querem guardar, e o que é guardar para eles?

Vamos em breve chegar mais perto das respostas a estas perguntas.

Os Depoimentos

As conversas com os moradores foram realizadas em momentos mais propícios para a elaboração da experiência de cada um deles, como logo após a procissão da encomendação das almas ou momentos antes da missa do sábado de aleluia. Desse modo, a lembrança das histórias sobre um determinado acontecimento, e que tinha a ver com aquele momento vivenciado a pouco, tinham uma necessidade de serem comunicadas ao outro.

Elas aconteceram, em grupos ou individualmente, com quinze moradores da comunidade, entre adultos e jovens. As entrevista foram gravadas e posteriormente transcritas, preservando ao máximo o estilo de linguagem de cada entrevistado.

Na organização dos dados coletados apareceram cerca de setenta e quatro manifestações da tradição oral da comunidade, que vamos dividir em casos, lendas e histórias. Para uma melhor sistematização, vamos utilizar esta proposta de divisão, segundo Schmidt e Mahfoud (1997):

- As histórias são relatos constituídos por um corpo narrativo definido e reproduzido com fidedignidade pelos narradores

- As lendas dizem respeito a relatos que não têm um padrão mais constante como as histórias, mas tem como referência certos personagens imaginários ou acontecimentos fantásticos.

- Os casos incluem toda sorte de relatos sobre acontecimentos mais próximos, envolvendo personagens conhecidos da própria comunidade ou de comunidade vizinhas. (p.75)

Durante a leitura dos depoimentos para organização dos casos (vamos utilizar daqui para frente este termo como referente ao acervo da tradição oral) fomos colocados diante de várias falas dos moradores que nos diziam o porque que para eles era, e continua sendo, tão importante guardar estes casos, e são com estas falas que iremos analisar.

O Método de Análise

Escolheu-se para a análise dos dados o método fenomenológico. Segundo AmatuZZi (1999), a pesquisa fenomenológica “estuda o fenômeno, ela estuda poderíamos dizer, no que diz respeito ao interesse da psicologia, por exemplo, que a pesquisa fenomenológica estuda o vivido”. Este vivido pode ser melhor entendido, conforme AmatuZZi (1996), como uma “vivência pré-reflexiva, ou experiência imediata, ou dado imediato da consciência”(p.05).

Segundo Van der Leeuw (1964), o fenômeno se mostra na relação com um outro, e é somente nela que a experiência vivida pelo sujeito pode ser reconstruída e posteriormente elaborada por ele. Nesse sentido, o fenomenólogo é aquele que vai dar testemunho daquilo que se mostrou a ele na relação intersubjetiva, procurando apreender o significado que o sujeito dá a sua própria experiência.

Van der Leuw (1964) propõe um percurso de sete passos, Mahfoud (2003) e Araújo, R. A. e Mahfoud, M. (2002) também seguem este percurso, que auxiliam o pesquisador na tarefa de testemunhar e atestar o fenômeno que se apresenta diante dele:

- Nomeação: no relacionamento com o objeto dar um nome a ele, estando atento a sua especificidade e sua dinâmica de transformação.
- Inserção: é viver aquilo que se mostra, é inseri-lo na própria vida, é compartilhar a experiência com o outro para que o sentido apreendido seja um só com ele.
- Inserção entre parênteses: é estar atento à experiência do outro sem reservas e pré-conceitos, é se debruçar sobre o fenômeno e deixá-lo se mostrar por ele mesmo.
- Elucidação: é tornar mais claro aquilo que se olha, é perceber as conexões entre as experiências, juntá-las em categorias e colocá-las a serviço de algo maior.
- Compreensão: é compreender a mensagem do objeto, aquilo que ele quer comunicar e revelar a nós.
- Retificação contínua: é confrontar com os dados a interpretação apreendida, é colocar –se no direito da dúvida.
- Reconstrução: a partir de uma segunda experiência vivida, possibilitada pelo observador, que o sentido com o qual o vivido se apresenta pode ser apreendido, configurando, assim, a forma da fenomenologia apresentar o fenômeno.

Ales Bello (2004) define aquela que deve ser a primeira e principal atitude de pesquisador que utilize da fenomenologia no relacionamento com o seu objeto de pesquisa:

“Em alguns casos, inclusive, perdeu-se a significação da atitude fenomenológica que é deixar falarem as coisas mesmas, pois se trata de uma atitude teórica difícil, prevalecendo assim a atitude que Husserl chama de “naturalista positiva. Trata-se de um movimento intelectual e ético do ser humano, trata-se da disponibilidade para procurar, e da disponibilidade para aceitar aquilo que se apresenta, e este é um caminho árduo”(p.80).

Sem esta atitude talvez não apresente o fenômeno que se mostrou, mas outra coisa qualquer, determinada por uma postura reducionista e individualista do próprio pesquisador.

RESULTADOS

As entrevistas com os moradores da comunidade foram realizadas no intuito de coletar deles os “casos” presentes na memória coletiva compartilhada por toda a comunidade. Na leitura deste material ficou evidente a importância que os moradores davam a essa tradição oral, e como eles gostariam que isso se conservasse para as outras gerações.

Dividimos as apreensões de sentido em três categorias, para que este trabalho mostre como se relaciona o trabalho de memória individual e coletiva, com a conservação da história da comunidade.

Os Antigos: Fonte da Memória

Algumas falas dos moradores revelam essa grande ligação com os seus antepassados, como as de dois moradores mais adultos da comunidade:

Zé Pirreca: “Meu menino é assim. Também gosta de tá conversando com gente mais velha, ele passa por uma pessoa mais velha, se ele não cumprimentar, depois ele “Ih esqueci de cumprimentar fulano hoje. Outro dia ele tava falando com os meninos assim: “ Ocês passa perto do povo mais velho, cês não conversa, cês não cumprimenta, tem que conversar com eles, eles que ensina a gente as coisas.”

Dona Lica: “Tem muita gente que faz pouco caso da gente velho.”

Zé Pirreca: “Ih, se não fosse os velhos tava, não sabia nada.”

Dona Lica: “Eles olha pra gente, vê cara feia, enrugada.”

Zé Pirreca: “É quem não sabe aproveitar, boba. É quem não sabe aproveitar.”

O trecho acima, uma conversa entre dois adultos da comunidade, revela importância dos antepassados na vida da comunidade, e o cuidado que ela tem com o conjunto de lembranças que eles deixaram para a atualidade. Trata-se, portanto, de um aprendizado com os antigos. Eles aprenderam isso, e os mais novos já reconhecem a importância disso: *É meu menino é assim. Também gosta de tá conversando com gente mais velha, ele passa por uma pessoa mais velha, se ele não cumprimentar, depois ele “Ih esqueci de cumprimentar fulano hoje”*. É o aprendizado chegando aos mais jovens da comunidade. Eles aprenderam com seus pais a importância da tradição, assimilaram isso em suas vidas e afirmam isso no relacionamento com seus pares, chamando a atenção deles para essa importância. É o reconhecimento de uma importância tomada na própria vida que fazem com os jovens reconheçam o valor dessa tradição, é uma retomada do passado que permite essa afirmação.

Mas, ao lado do reconhecimento de que os antepassados são fonte viva memória, eles também entendem que algumas pessoas não reconhecem esse valor, que tem gente que faz pouco caso. O que significa “fazer pouco caso”? Pode significar uma preocupação com o fato da comunidade se desligar da importância dos antigos na história dela. Vemos aqui uma conversa que parece corriqueira, despropositada, no entanto, ela afirma um valor: se não fosse os velhos a gente não sabia nada!

Em meio a contação de um caso um dos moradores ressalta a importância da confiança nos mais antigos:

ES: “Então eu tenho as minhas coisas que meu pai nunca foi de falar mentira, não sei se realmente ele chegou a ver isso, mas talvez outras pessoas que ele acreditava muito como eu acredito nele passou isso pra ele.”

Presenciamos aqui a confiança nos antigos. Mas, o que garante esta confiança nos mais velhos? É certamente o laço afetivo que os une, é um certo tipo de relacionamento que permite ele se posicionar e dizer: eu acredito. Novamente aparece aqui a relação de aprendizado com os mais velhos. O pai dele aprendeu com os mais velhos, porque pode ser que ele não tenha visto, e ele aprendeu com o seu pai. Tem-se aqui a transmissão de um conhecimento entre gerações que

talvez não chegaram a se encontrar, mas que o laço afetivo permite a criação de uma relação de respeito e confiança.

É preciso ver para acreditar?

Nesta categoria iremos trazer trechos de depoimentos que fazem referência ao fato de que, será mesmo preciso ter visto o fenômeno narrado como meio de acreditar que ele realmente existiu? A posição da comunidade é bastante clara quanto a isso, e ela reflete no relacionamento com que o moradores terão com os fatos narrados.

Vemos novamente a relação da confiança nos antepassados e a questão do “ver” no depoimento:

Nildo: “Por que hoje não existe muitas coisas que existiam antigamente. Até que uns falam que num existe, outros num acredita. Às vezes pode ser até gente boa também, mas antigamente havia as coisas mesmo. Por exemplo lobisomem, que eles falava que existia. Pra mim eu acredito que existia, por que muita gente que não tem necessidade de falar mentira. Por exemplo, igual meu pai se ele falasse que ele viu um lobisomem eu acredito nele; pois ele num precisa falar mentira, né? Pra que eu vou desacreditar? Meu avô só falava verdade. Agora, eu num preciso de ver pra acreditar, né?”

No depoimento, Nildo em nenhum momento afirma que vira alguma coisa, por exemplo o lobisomem. Mas por quê ele acredita em lobisomem? A explicação dele gira em torno do não existe mais, e não do nunca existiu. Ele acredita que existiu porque uma pessoa mais antiga, mas vivida, contou para ele. Este é para ele o critério para acreditar, e não outro: “Agora, eu num preciso de ver pra acreditar, né?” Ele mesmo explica o critério: confiar no outro, não é preciso ver para acreditar.

Geraldo no seu depoimento também deixa clara a sua posição quanto a isso:

Geraldo: “Então passou e depois que ele falou com nós. No outro dia ele falou: “Oh, gente! Naquele lugar que nós tava, passou um lobisomem do outro lado lá”. A gente não vendo, né, a gente fica sem querer acreditar né, mas ele não era um sujeito mentiroso, né?”

Diante do relato do amigo que vira o lobisomem no dia anterior, Geraldo diz que não vendo com os próprios olhos “a gente fica sem querer acreditar, né”. Querer não acreditar seria o mais comum de acontecer com pessoas que não compartilham de um outro mundo de lembranças e histórias, mas ele não, ele reconhece a importância da experiência do seu companheiro, por isso ele confia, porque ele não mentia.

A pouca leitura

Morro Vermelho tem mais de 300 anos de história. Certamente há muito tempo que a literatura escrita já se difundiu por entre os moradores. Existe uma escola de ensino fundamental na comunidade, e uma de ensino médio no município vizinho. A televisão também há muito tempo já marca presença entre eles.

No entanto, a fonte de informação privilegiada por eles é de outra ordem. Vamos acompanhar o depoimento de Zé Leal:

Zé Leal: “Que o povo antigamente fazia muita coisa. Mas é igual que eles falam que é lenda, lenda, essas coisa que não tem nada escrito, que o que não depende de escrita. Que o que ainda tem escrito, igual o Dico tem esse livro sobre a passagem, o homem que passou, né? Alguma coisa você ainda viu. Igual o caso do padre aí, o padre João de Santo Antônio, a gente tá confirmando que realmente tava aí e ainda criou o governador, né?”

Zé Leal fala do costume que persiste em dizer que o que não está escrito é lenda. Porém, ele chama a nossa atenção para aquilo que não está escrito, e que não precisa de escrita pra existir. Ter algo escrito sobre um acontecimento narrado pela comunidade é sinal de confirmação daquilo que eles sempre acreditaram. Não é o documento que vai fazer com que eles acreditem, é preciso que a informação já esteja sagrada na memória da comunidade.

Fica claro no depoimento dele onde está o porto seguro da comunidade:

Zé Leal: “Às vezes vocês vêm aqui no Morro e consegue achar muita coisa, porque o Morro, o Morro é formado de tradição, nós não temo leitura, assim, nossa coisa é tradição, um vai fazendo, outro vai fazendo e assim por diante. O Morro vou lhe dizer tem mais de trezentos anos. Quer dizer, então, nós somos um povo tradicional, somo de pouca leitura, mas a conservação da tradição, nós ganhamos isso tudo.”

É na tradição que a comunidade se apoia, tradição mantida basicamente pela oralidade. A pouca leitura e pouca coisa escrita sobre eles não impede-os de dizer: “*somos um povo tradicional*”. Tradicional não no sentido de velhos em história, ou porque são descendentes de uma real família portuguesa. O sentido de tradicional é outro: “*nossa coisa é tradição, um vai fazendo, outro vai fazendo e assim por diante*”. É um grupo de moradores que trabalha, que luta junto, que festeja junto, que relembra fatos antigos para preservar a memória dos antepassados, que bate no peito e diz: “*o Morro é formado de tradição*”.

CONCLUSÃO

Confiar nos mais velhos e reconhecê-los como fonte de memória é cuidar da própria história da comunidade. É valorizar aqueles que formaram este povo tão guerreiro e orgulhoso de suas conquistas. Não trata-se somente de guardar os casos na memória coletiva, mas também de afirmar a importância daqueles que fizeram a experiência e depois a comunicaram. Vemos, portanto, uma preocupação com a própria história da comunidade, que também é a história individual de cada um deles.

Discutir sobre a importância do ver para acreditar é discutir o grau de conservação que estes casos podem alcançar na memória de cada morador da comunidade. Ela precisa dos jovens pra se manter viva, para continuar a sua dinâmica de produção de significados. Em contrapartida, eles também precisam da comunidade, para afirmarem seus valores e crenças, para comporem a sua história pessoal e familiar, para serem atuantes no trabalho de conservação da tradição.

É do orgulho de serem tradicionais que nasce o desejo de guardarem certos aspectos culturais partilhados pela comunidade. Lá as histórias se confundem, não se sabe o que história pessoal, coletiva ou comunitária. Eles usam da tradição para se afirmarem, não precisam consultar um livro de história para saber quem são, de onde vieram, o que fizeram. Os livros podem até ajudar, mas é no convívio diário que se descobre isso.

BIBLIOGRAFIA

ALES BELLO, Angela. *Culturas e Religiões: uma leitura fenomenológica*. Tradução de Antonio Angonese. 1.ed. (português). Bauru: Edusc, 1998. p.204. (Coleção Filosofia e Política). Título original: Culture e religioni: una lettura fenomenológica.

ALES BELLO, Angela. *Fenomenologia e Ciências Humanas: psicologia, história e religião*. Tradução e Organização de Miguel Mahfoud e Marina Massimi. 1.ed. (português). Bauru: Edusc, 2004. p. 330. (Filosofia e Política).

AMATUZZI, Mauro Martins. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 13(1), 5-10. (1996)

AMATUZZI, Mauro Martins. Pesquisa fenomenológica e Psicologia comunitária. Palestra proferida no Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte: 21/05/1999. mimeo

ARAÚJO, Renata Amaral; MAHFOUD, Miguel. Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural. *Memorandum*, 2, p. 68-103, 2002. Disponível em: World Wide Web <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/araujo02.htm>. Acesso em: 28/03/06.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v. 1. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. (português). São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 253. Título original: *Auswahl in Drei Bänden*.

BOSI, Ecléa. *Cultura de Massa e Cultura Popular: leitura de operárias*. 5.ed. (português). Petrópolis: Vozes, 1981. p.188.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembrança de velhos*. 1. reimpr. (português). São Paulo: T.A Queiroz, 1983. p.402.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. 1. ed. (português). São Paulo: Vértice, Editora dos Tribunais, 1990. p.189. Título original: *La Mémoire Collective*.

CASCUDO, Luis da Camara. *Literatura oral no Brasil*. 3. ed. (português). Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984. p. 435.

MAHFOUD, Miguel. Encomendação das Almas: mistério e mundo da vida em uma tradicional comunidade rural mineira. In: MASSIMI, Marina & MAHFOUD, Miguel (Orgs.) *Diante do Mistério: psicologia e senso religioso*. 1. ed. (português). São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 57-67.

MAHFOUD, Miguel. *Folia de Reis: Festa Raiz: psicologia e experiência religiosa na Estação Ecológica Juréia-Itatins*. 1. ed. (português). São Paulo: Companhia Ilimitada; Campinas: Centro de Memória, 2003. p.163.

MATOS, Gislayne Avelar. A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003. p. 189.

MIZIARA, Karina Braga. Quem conta um conto, encontra um ponto: um estudo fenomenológico da experiência de contar histórias como forma de enraizamento. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005. p.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. 1. ed. (português). Campinas: Papirus, 1998. p.218. Título original: *Orality and literacy: The technologizing of the word*.

SCHMIDT, Maria Luisa S.; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência. *Psicologia USP*, 4 (1/2), p.285-298, 1993.

SCHMIDT, Maria Luisa S.; MAHFOUD, Miguel. Dimensões de elaboração da experiência pessoal e coletiva em comunidades tradicionais da Estação Ecológica Juréia-Itatins. *Interações*, 2 (n.3), p.67-76, jan/jul 1997.

VAN DER LEEUW, Gerardus. *Fenomenologia de la Religion*. Tradução de: Ernesto de la Pena. 1.ed. (espanhol). México: Fondo de Cultura Económica, 1964.

Paulo Roberto Da Silva Júnior E-mail: maranatajp2003@yahoo.com.br
Miguel Mahfoud E-mail: mmahfoud@yahoo.com.br